

**ANA CLARA MICKUS FARINACIO**  
**LETICIA HOLANDA AMORIM**

**CONSUMO DE PSICOESTIMULANTES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA ENTRE  
UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE NA REGIÃO CENTRAL DE RONDÔNIA**

**Ji-Paraná**  
**2026**

**ANA CLARA MICKUS FARINACIO**  
**LETICIA HOLANDA AMORIM**

**CONSUMO DE PSICOESTIMULANTES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA ENTRE  
UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE NA REGIÃO CENTRAL DE RONDÔNIA**

Artigo científico apresentado ao Afya Centro Universitário de Ji-Paraná como parte dos requisitos para obtenção de nota no Trabalho Científico de Curso (TCC) de Medicina, sob orientação da Professora Médica Rosineide Vieira Gois e coorientação da Professora Natália Malavasi Valejjo.

**Ji-Paraná**  
**2026**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP**

F225c      Farinacio, Ana Clara Mickus.

Consumo de psicoestimulantes sem prescrição médica entre universitários da área da saúde na região central de Rondônia. / Ana Clara Mickus Farinacio; Leticia Holanda Amorim. – Ji-Paraná, 2026.

21 p.; il.

Artigo Científico (Curso de Medicina) – Afya Centro Universitário de Ji-Paraná, 2026.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosineide Vieira Góis.  
Co-orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Natália Malavasi Vallejo.

1. Psicoestimulantes. 2. Uso indevido. 3. Universitários da Saúde. I. Amorim, Leticia Holanda. II. Góis, Rosineide Vieira. III. Vallejo, Natália Malavasi. IV. Título.

CDU 615.214(811.1)

**Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário Giordani Nunes da Silva CRB 11/1125**



**DERECHO Y CAMBIO SOCIAL**  
FUNDADA EL AÑO 2000

### CARTA DE ACEITE

Prezados autores Ana Clara Mickus Farinacio, Leticia Holanda Amorim, Natália Malavasi Vallejo e Rosineide Vieira Góis,

Temos a honra de informar que o artigo submetido **Consumo de Psicoestimulantes sem Prescrição Médica entre Universitários da Área da Saúde na Região Central de Rondônia**, foi aceito para publicação neste periódico, Derecho y Cambio Social, ISSN 2224-4131 (Qualis CAPES -A2).

Atenciosamente,

Prof<sup>a</sup>. Rosany Piccolotto Carvalho  
**Editora-Chefe**  
Revista Derecho y Cambio Social  
ISSN2224-4131 | DepósitoLegal2005-5822

São Paulo, 26 de Maio de 2026.



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO NÃO EXCLUSIVA DE PUBLICAÇÃO



### Termo de autorização não exclusiva de publicação

#### LICENÇA DE ARMAZENAMENTO E DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Autor(a) 1: \_\_\_\_Ana Clara Mickus Farinacio\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_ E-mail: \_anaclaramf3@gmail.com\_\_\_\_

Autor(a) 2: \_\_\_\_Leticia Holanda Amorim\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_ E-mail: leticia300702@hotmail.com\_\_\_\_

Orientador(a): \_Rosineide Vieira Gois\_\_\_\_

Curso: \_\_Medicina\_\_\_\_ Mês/Ano: \_\_maio/2026\_\_\_\_

Título do trabalho: \_\_Consumo de Psicoestimulantes sem Prescrição Médica entre Universitários da Área da Saúde na Região Central de Rondônia\_\_.

#### Termo de Declaração

Declaro que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaro também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade. Declaro que, se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder a Afya Centro Universitário de Ji-Paraná os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue. Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Afya Centro Universitário de Ji-Paraná, declaro que cumpriu todas as obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

#### Termo de Autorização

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo que: a Biblioteca Santa Bárbara da Afya Centro Universitário de Ji-Paraná pode converter e disponibilizar gratuitamente em seu repositório institucional a obra em formato eletrônico de acordo com a licença pública Creative Commons CC BY-NC-ND; que pode manter mais de uma cópia da obra depositada para fins de segurança, back-up e/ou preservação. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Ji-Paraná, \_29\_de\_maio\_2026\_\_.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANA CLARA MICKUS FARINACIO  
Data: 29/05/2026 13:02:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LETICIA HOLANDA AMORIM  
Data: 29/05/2026 13:05:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor(es) e/ou Detentor dos Direitos Autorais

## SUMÁRIO

|                                         |           |
|-----------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>              | <b>9</b>  |
| <b>2. MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>     | <b>10</b> |
| <b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b> | <b>11</b> |
| <b>4. CONCLUSÕES.....</b>               | <b>19</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS .....</b>             | <b>20</b> |

## CONSUMO DE PSICOESTIMULANTES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE NA REGIÃO CENTRAL DE RONDÔNIA

Ana Clara Mickus Farinacio<sup>1\*</sup>, Leticia Holanda Amorim<sup>2</sup>, Rosineide Vieira Gois<sup>3</sup>, Natália Malavasi Valejo<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Medicina, Afya Centro Universitário de Ji-Paraná

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Medicina, Afya Centro Universitário de Ji-Paraná

<sup>3</sup>Docentes do curso de Medicina, Afya Centro Universitário de Ji-Paraná

<sup>4</sup>Docentes do curso de Medicina, Afya Centro Universitário de Ji-Paraná

\*Autores correspondentes: [anaclaramf3@gmail.com](mailto:anaclaramf3@gmail.com); [leticia300702@hotmail.com](mailto:leticia300702@hotmail.com).

### RESUMO

O uso de psicoestimulantes sem prescrição médica tem se tornado uma prática crescente entre universitários, especialmente entre aqueles da área da saúde, que frequentemente enfrentam altas demandas acadêmicas e emocionais. Psicoestimulantes como metilfenidato, anfetaminas e modafinil são comumente utilizados de forma inadequada para melhorar a performance acadêmica, aumentar a concentração e combater o estresse. Contudo, esses medicamentos apresentam riscos significativos à saúde, como dependência, complicações cardiovasculares e transtornos psicológicos. Este trabalho propõe a realização de um estudo observacional, transversal, de abordagem mista (quantitativa e qualitativa), com caráter exploratório, descritivo e analítico, conduzido em campo para investigar a prevalência do uso desses medicamentos entre universitários da área da saúde, os fatores que influenciam esse comportamento, as consequências do uso indevido e o nível de conhecimento dos estudantes sobre os riscos envolvidos. O estudo abordará diferentes contextos, com ênfase nos aspectos acadêmicos e sociais que impulsionam essa prática, além de discutir as implicações para a formação desses profissionais da saúde. A pesquisa busca fornecer uma compreensão mais ampla sobre o uso de psicoestimulantes nesse contexto, com o intuito de subsidiar futuras ações de conscientização e intervenções no ambiente acadêmico. Além disso, a análise pretende identificar padrões de uso entre os diferentes cursos da área da saúde e avaliar a necessidade de estratégias educativas para prevenir o uso indevido dessas substâncias. O estudo também destaca a importância de melhorar o conhecimento dos estudantes sobre os efeitos colaterais dos psicoestimulantes, promovendo uma abordagem mais saudável e ética no enfrentamento das demandas acadêmicas.

**Palavras-chave:** Psicoestimulantes. Uso indevido. Universitários da Saúde.

CONSUMPTION OF PSYCHOSTIMULANTS WITHOUT MEDICAL  
PRESCRIPTION AMONG UNIVERSITY STUDENTS IN THE HEALTH FIELD IN  
THE CENTRAL REGION OF RONDÔNIA

### ABSTRACT

The use of psycho-stimulants without a medical prescription has become a growing practice among university students, especially among those in the health field, who frequently face high academic and emotional demands. Psycho-stimulants such as methylphenidate, amphetamines, and modafinil are commonly misused to improve academic performance, increase concentration, and combat stress. However, these medications pose significant health risks, such as dependence, cardiovascular complications, and psychological disorders. This study proposes conducting an observational, cross-sectional, mixed-methods (quantitative and qualitative) study with an exploratory, descriptive, and analytical approach, carried out in the field to investigate the prevalence of the use of these medications among health area university students, the factors influencing this behavior, the consequences of misuse, and the students' level of knowledge about the associated risks. The study will address different contexts, with an emphasis on the academic and social aspects that drive this practice, as well as discussing the implications for the training of these health professionals. The research seeks to provide a broader understanding of the use of psychostimulants in this context, with the aim of supporting future awareness actions and interventions in the academic environment. Furthermore, the analysis intends to identify usage patterns among the different health courses and assess the need for educational strategies to prevent the misuse of these substances. The study also highlights the importance of improving students' knowledge about the side effects of psychostimulants, promoting a healthier and more ethical approach to addressing academic.

**Keywords:** Psycho-stimulants. Misuse. Health University Students.

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, tem-se observado um crescimento expressivo no consumo de psicoestimulantes por estudantes universitários, especialmente aqueles vinculados a cursos da área da saúde. Entre as substâncias estimulantes mais comumente utilizadas estão fármacos como metilfenidato, modafinil, piracetam, anfetaminas e MDMA, além de produtos como bebidas energéticas e cafeína, que embora não sejam medicamentos, possuem efeito psicoestimulante (Morgan *et al.*, 2017).

Os psicoestimulantes, especialmente as anfetaminas, são fármacos que apesar de mecanismos específicos diferentes atuam por meio da dopamina, a qual está altamente relacionada com a capacidade de aumento do desempenho cognitivo, melhora do humor e aumento do estado de alerta, além da motivação (Mincoff *et al.*, 2018).

Estudos indicam que a proporção de acadêmicos que começaram a usar psicoestimulantes durante a faculdade aumentou significativamente, passando de 15% para 30% em determinados períodos de análise (Junior *et al.*, 2021). Alguns desses fármacos são indicados para o tratamento de transtornos como o déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e a narcolepsia.

No entanto, fora de contextos terapêuticos e sem prescrição médica, têm sido utilizadas com o intuito de melhorar o desempenho acadêmico, aumentar o estado de alerta e promover maior concentração durante longas jornadas de estudo (Ramos *et al.*, 2023). Essa prática tem gerado preocupações entre profissionais da saúde, educadores e pesquisadores, uma vez que envolve riscos importantes à saúde física e mental dos usuários (Miguel *et al.*, 2015).

O ambiente universitário é, por natureza, desafiador e exige grande capacidade de adaptação, gerenciamento de tempo, resiliência emocional e produtividade (Gianfelice *et al.*, 2024). Em cursos como Medicina, Enfermagem, Farmácia, Biomedicina, Psicologia, Medicina Veterinária e Fisioterapia, a pressão é intensificada por currículos extensos, avaliações constantes e vivência prática em ambientes hospitalares ou laboratoriais.

Diante disso, muitos estudantes recorrem a estratégias que consideram eficazes para manter o rendimento, incluindo o uso de substâncias psicoativas (Sousa *et al.*, 2023). Embora sejam futuros profissionais da saúde, e teoricamente detentores de maior conhecimento sobre os riscos farmacológicos dessas substâncias, observa-se uma dissonância entre o saber e a prática.

A automedicação da vida acadêmica, nesse contexto, configura-se como uma tentativa de adaptação a um sistema que exige produtividade contínua e alta performance. Estudos recentes têm mostrado que o uso de psicoestimulantes sem prescrição é um fenômeno global, mas que apresenta variações conforme o contexto cultural, socioeconômico e acadêmico. No Brasil, pesquisas indicam que entre 10% e 30% dos estudantes universitários já fizeram uso dessas substâncias sem orientação médica, e esse número tende a ser mais elevado em cursos de alta competitividade (Heriseanu *et al.*, 2023).

A motivação mais comum é a crença de que os medicamentos aumentam o foco, reduzem a fadiga e permitem uma preparação mais intensa para provas ou atividades práticas. No entanto, o uso prolongado ou em doses inadequadas pode acarretar efeitos colaterais como taquicardia, insônia, irritabilidade, transtornos de ansiedade, dependência química e, em casos mais severos, quadros psicóticos (Pastura & Mattos, 2004).

É nesse contexto que se insere a importância de compreender o uso não prescrito de psicoestimulantes entre os estudantes da saúde. Mais do que um comportamento individual,

trata-se de um fenômeno complexo, influenciado por fatores institucionais, sociais, emocionais e culturais. Investigar essa prática permite não apenas dimensionar o problema, mas também propor estratégias educativas e de apoio psicossocial que contribuam para uma formação acadêmica mais saudável e sustentável. Afinal, trata-se de formar profissionais que atuem com responsabilidade no cuidado ao outro, mas que, para isso, também precisam aprender a cuidar de si.

Com isso, o projeto visa investigar a prevalência, os fatores associados e as consequências do uso de psicoestimulantes sem prescrição médica entre universitários da área da saúde em uma universidade de Ji-Paraná-RO.

## 2. Material e Métodos

Trata-se de um estudo observacional, transversal, de abordagem mista (quantitativa e qualitativa), com caráter exploratório, descritivo e analítico, realizado em uma instituição de ensino superior no interior do estado de Rondônia entre os meses de fevereiro e abril do ano de 2026. A população foi composta por estudantes universitários regularmente matriculados nos cursos da área da saúde, incluindo os cursos de biomedicina, enfermagem, farmácia, fisioterapia, psicologia, medicina e medicina veterinária. Foram incluídos indivíduos de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O cálculo amostral foi realizado considerando uma população estimada de aproximadamente 974 estudantes matriculados nos cursos da área da saúde da instituição. Foi adotado nível de confiança de 95%, margem de erro de 5% e proporção esperada de 50%, resultando em um tamanho amostral mínimo estimado de aproximadamente 276 participantes. Ao final da coleta, foram obtidas 433 respostas válidas, número superior ao mínimo necessário, o que reforça a representatividade e o poder analítico da amostra.

O instrumento de coleta foi composto por aproximadamente 30 questões, contemplando perguntas fechadas e abertas. As questões abordaram aspectos sociodemográficos, padrões de uso de psicoestimulantes, frequência e forma de utilização, meios de obtenção, motivações para o consumo e nível de conhecimento dos estudantes acerca dos riscos e efeitos adversos associados ao uso dessas substâncias. O tempo médio de preenchimento do questionário foi estimado em 10 minutos, sendo realizado de forma anônima e em local de livre escolha do participante, assegurando conforto e privacidade.

Os dados quantitativos foram organizados em planilhas do Microsoft Excel e analisados por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas (percentuais). Adicionalmente, realizou-se análise inferencial por meio do teste do qui-quadrado para avaliar associações entre variáveis categóricas. Foram também estimados intervalos de confiança de 95% (IC95%) para as proporções observadas. Adotou-se nível de significância de 5% ( $p < 0,05$ ). Os resultados foram apresentados sob a forma de tabelas e gráficos, possibilitando a visualização da distribuição das variáveis pesquisadas e a identificação de padrões relacionados ao uso de psicoestimulantes.

O estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei Geral de Proteção de Dados

(Lei nº 13.709/2018). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 94661125.8.0000.5297, garantindo o anonimato, a confidencialidade das informações e a participação voluntária dos estudantes.

### **3. Resultados e Discussões**

#### **Perfil Sociodemográfico dos Participantes**

No presente estudo, observou-se maior participação de estudantes do sexo feminino, correspondendo a 73,9% da amostra. Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes declarou-se solteira (79,7%), enquanto 14,5% relataram estar casados. Quanto à faixa etária, identificou-se maior concentração de estudantes entre 20 e 24 anos (43,6%), seguida pela faixa etária de 16 a 19 anos (34,1%), sendo as demais faixas menos representativas. A análise inferencial demonstrou que essas distribuições foram estatisticamente significativas ( $p < 0,001$ ), indicando predominância não aleatória do sexo feminino e de jovens adultos na amostra estudada.

A predominância de mulheres entre os participantes está em consonância com o panorama do ensino superior brasileiro, no qual o sexo feminino representa a maioria das matrículas, especialmente nos cursos da área da saúde. Conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (2024), mulheres correspondem a aproximadamente 59% dos matriculados nesse nível de ensino, refletindo um processo histórico de feminilização do acesso à educação superior, particularmente em áreas tradicionalmente associadas ao cuidado e à atenção à saúde.

A distribuição etária observada reflete o perfil esperado de universitários em cursos de graduação, majoritariamente compostos por adultos jovens em fase de consolidação da formação profissional. Esse período da vida costuma ser marcado por intenso investimento acadêmico, redefinição de projetos pessoais e profissionais e maior exposição a situações de estresse relacionadas ao desempenho acadêmico. A predominância de estudantes solteiros também se alinha a esse contexto, considerando que a dedicação às exigências do ensino superior pode contribuir para o adiamento da constituição familiar.

Destaca-se ainda a presença de uma parcela de estudantes casados, o que indica a coexistência de diferentes configurações familiares dentro do ambiente universitário. Esses contextos podem influenciar de forma diversa a vivência acadêmica, seja por meio de maior suporte emocional e social, seja pelo acréscimo de responsabilidades externas que impactam a rotina de estudos.

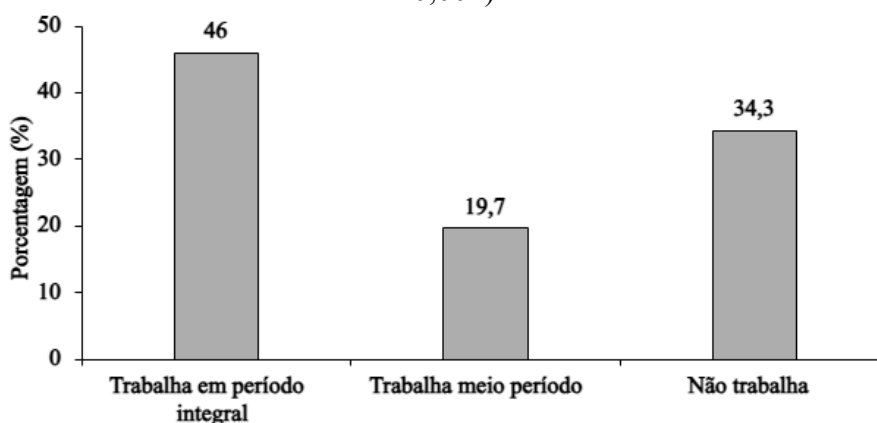
#### **Perfil Socioeconômico e Situação Laboral**

No que se refere ao perfil socioeconômico, observou-se que 37,1% dos estudantes relataram renda mensal entre um e três salários mínimos, enquanto 24,8% informaram renda de até um salário mínimo. Além disso, 18,7% preferiram não informar, 10,1% relataram renda entre três e cinco salários mínimos e 9,3% acima de cinco salários mínimos. Esses dados indicam que parcela expressiva dos participantes encontra-se em condição econômica compatível com a realidade de muitos universitários brasileiros, especialmente durante o período de graduação, no qual a inserção profissional plena ainda não foi alcançada.

Quanto à situação laboral, demonstrado na figura 1, 46% dos participantes afirmaram desempenhar atividade profissional em período integral concomitantemente ao curso de graduação, enquanto 19,7% relataram trabalhar em meio período. Esse achado evidencia que

uma proporção significativa dos estudantes concilia trabalho e estudo, o que pode impor desafios adicionais à organização do tempo, ao desempenho acadêmico e ao autocuidado. A distribuição das categorias de ocupação apresentou diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ), evidenciando elevada proporção de estudantes que conciliam trabalho e estudo.

Figura 1: Distribuição percentual da situação laboral dos participantes durante a graduação ( $p < 0,001$ ).



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

A necessidade de inserção no mercado de trabalho durante a graduação, frequentemente motivada por questões financeiras, tende a intensificar a sobrecarga física e emocional, especialmente em cursos da área da saúde, caracterizados por elevada carga horária, atividades práticas e avaliações frequentes. Estudos apontam que estudantes que conciliam atividades laborais com a vida acadêmica apresentam maior vulnerabilidade ao estresse, à fadiga e a dificuldades de adaptação ao ambiente universitário, fatores que podem repercutir negativamente na saúde mental e no rendimento acadêmico (De Andrade *et al.*, 2024).

### Condições de Residência e Estresse Acadêmico

No presente estudo, observou-se que a maioria dos estudantes residem no mesmo município em que frequenta a graduação (76,4%), enquanto 23,6% relataram morar em outro município. Esse resultado indica que, embora uma parcela expressiva dos participantes possua residência fixa na cidade da instituição, quase um quarto dos estudantes vivenciam a graduação em condição de deslocamento ou afastamento do local de origem, configurando um contexto potencialmente mais desafiador do ponto de vista acadêmico e psicossocial.

Ao analisar a percepção do estresse acadêmico segundo a condição de residência, conforme apresentado na Tabela 1, verificou-se que, proporcionalmente dentro de cada grupo analisado, os estudantes que residem em outro município apresentaram maior frequência de classificação da rotina acadêmica como estressante (39,6%), em comparação àqueles que residem no mesmo município (32,5%). A análise pelo teste do qui-quadrado evidenciou associação estatisticamente significativa entre condição de residência e percepção de estresse ( $p < 0,05$ ), indicando maior vulnerabilidade ao estresse entre estudantes que residem fora do município de estudo.

Tabela 1: Nível de estresse segundo a condição de residência (%), com maior prevalência de estresse entre estudantes que residem em outro município ( $p < 0,05$ ).

| Condição de residência | Estressante | Parcialmente estressante | Não estressante |
|------------------------|-------------|--------------------------|-----------------|
| Mesmo município        | 32,5%       | 52,8%                    | 14,6%           |
| Outro município        | 39,6%       | 52,5%                    | 7,75%           |

Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

A categoria “parcialmente estressante” apresentou percentuais semelhantes entre os grupos, correspondendo a 52,5% entre os estudantes residentes em outro município e 52,8% entre aqueles que residem na mesma cidade da instituição. Em contrapartida, a proporção de estudantes que consideraram sua rotina não estressante foi menor entre os residentes de outro município (7,75%), quando comparada aos estudantes residentes no mesmo município (14,6%).

Apesar de a categoria “parcialmente estressante” ter apresentado percentuais semelhantes entre os grupos, os dados apontam para uma tendência de maior intensidade de estresse percebido entre estudantes que residem fora do município de estudo. Essa diferença torna-se relevante ao observar que os estudantes em situação de deslocamento apresentaram maior proporção na categoria de maior intensidade de estresse e menor percentual na categoria “não estressante”.

A maior percepção de estresse entre estudantes que residem em outro município pode estar associada à interação de múltiplos fatores contextuais e acadêmicos. O deslocamento frequente, o tempo prolongado em transporte, a consequente redução das horas de descanso, a necessidade de adaptação a novos ambientes e o afastamento da rede de apoio familiar e social configuram importantes fatores estressores adicionais. Soma-se a isso a sobrecarga financeira relacionada a custos com moradia, alimentação e transporte, fatores que podem intensificar o desgaste físico e emocional.

Esse cenário torna-se ainda mais significativo em cursos da área da saúde, nos quais o estresse acadêmico é reconhecido como multifatorial, envolvendo elevada carga horária, pressão por desempenho, competitividade, dificuldades na gestão do tempo e demandas emocionais relacionadas às atividades práticas e clínicas. Assim, a condição de residência fora do município de estudo pode potencializar os estressores inerentes à formação em saúde, contribuindo para maior percepção de estresse entre esses estudantes (Hirsch *et al.*, 2018; Vieira *et al.*, 2022; Murakami *et al.*, 2024).

Nesse sentido, os achados deste estudo reforçam que a condição de residência constitui um fator relevante na experiência acadêmica e na percepção do estresse entre universitários. A associação entre morar em outro município e maior nível de estresse percebido sugere a necessidade de estratégias institucionais de acolhimento, apoio psicossocial e assistência estudantil direcionadas às particularidades desse grupo.

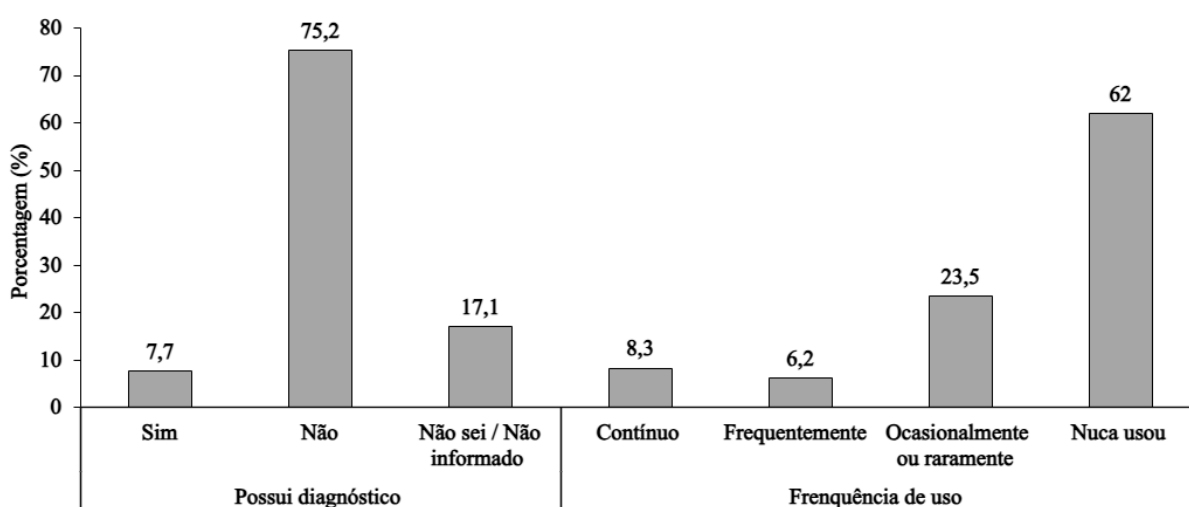
Considerando que níveis elevados de estresse acadêmico podem favorecer a adoção de estratégias de enfrentamento potencialmente prejudiciais, como o uso inadequado de substâncias psicoestimulantes, compreender o impacto do local de residência torna-se essencial para contextualizar comportamentos relacionados à saúde e ao rendimento acadêmico no

ambiente universitário.

### Prevalência e Padrão de Uso de Psicoestimulantes

Os resultados do presente estudo evidenciam um padrão preocupante de uso de psicoestimulantes entre estudantes da área da saúde. Observou-se que 75,2% dos participantes não possuem diagnóstico clínico que justifique o uso dessas substâncias, enquanto apenas 7,7% relataram diagnóstico estabelecido e 17,7% dos participantes da pesquisa afirmaram desconhecer ou não informar a presença de diagnóstico.

Figura 2: Caracterização dos acadêmicos quanto à presença de diagnóstico e frequência de uso de psicoestimulantes.

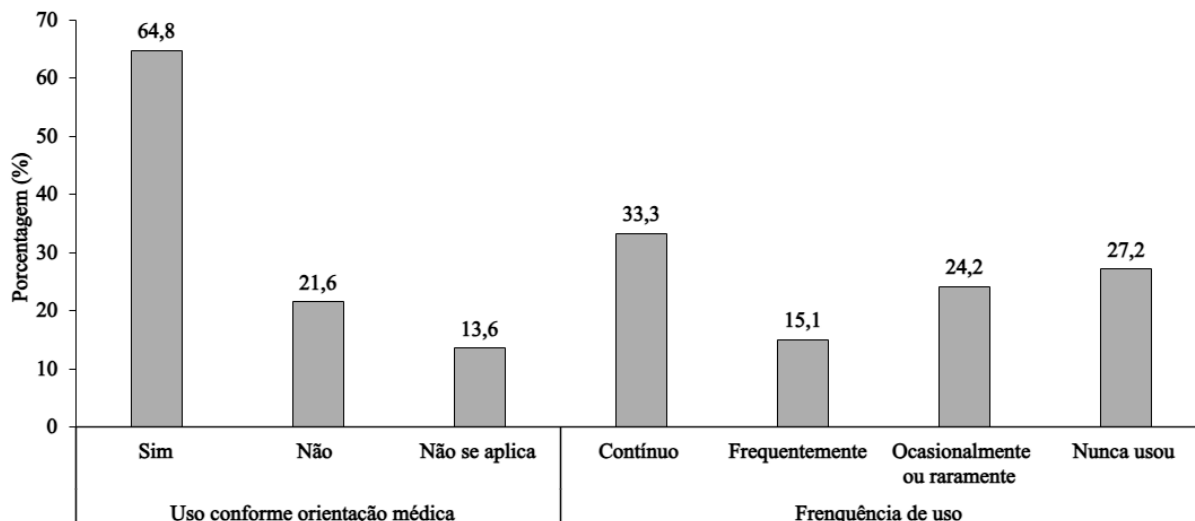


Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

Em relação à frequência de uso, considerando o total de participantes da pesquisa, verificou-se que 62% dos estudantes nunca utilizaram psicoestimulantes, enquanto entre os usuários houve uma predominância de consumo ocasional ou raro (23,5%). O uso contínuo foi relatado por 8,3% dos participantes, e 6,2% indicaram uso frequente. Essa distribuição apresentou diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ), evidenciando predominância de uso sem indicação clínica. Os resultados indicam que, embora o uso contínuo exista, a maior parte dos estudantes utiliza os psicoestimulantes de forma intermitente, possivelmente em períodos de maior demanda acadêmica, como avaliações e prazos acadêmicos.

Entre os estudantes com diagnóstico, de acordo com a figura 3, 64,8% afirmaram utilizar os medicamentos conforme prescrição médica, enquanto 21,6% não aderem adequadamente as recomendações profissionais, com diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ). Além disso, dentro desse grupo com diagnóstico, 33,3% fazem uso contínuo de medicamento, 15,1% utilizam com frequência (duas ou mais vezes por mês), 24,2% fazem uso ocasional ou raro e 27,2 nunca utilizaram medicamento. A análise demonstrou diferença estatisticamente significativa entre os padrões de uso e adesão ao tratamento ( $p < 0,05$ ), evidenciando heterogeneidade no comportamento medicamentoso, mesmo entre indivíduos com diagnóstico clínico.

Figura 3: Distribuição percentual do uso de psicoestimulantes segundo orientação médica e frequência de uso ( $p < 0,001$ ).



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

Os resultados evidenciam um padrão relevante de uso de psicoestimulantes sem respaldo clínico entre universitários da área da saúde, com predominância de indivíduos sem diagnóstico (75,2%) e uso majoritariamente ocasional. Esse perfil sugere que essas substâncias são utilizadas principalmente como estratégia pontual para lidar com demandas acadêmicas, e não como tratamento terapêutico.

Esse comportamento caracteriza a prática de automedicação, reconhecida como problema de saúde pública, associada a riscos como reações adversas, dependência e favorecer o desenvolvimento de tolerância (Bacelar, 2018; Domingues *et al.*, 2017). Além disso, a observação de baixa adesão ao tratamento mesmo entre indivíduos com diagnóstico reforça a influência de fatores comportamentais e acadêmicos sobre o uso dessas substâncias (Fernandes & Cembranelli, 2015).

A predominância do uso ocasional indica que o consumo está fortemente relacionado a períodos de maior exigência acadêmica, contribuindo para a normalização desse comportamento no ambiente universitário. Tal prática é particularmente preocupante na área da saúde, onde, apesar do maior acesso à informação, o conhecimento técnico não se traduz necessariamente em práticas seguras. A interrupção abrupta após períodos de uso regular pode desencadear sintomas de abstinência psiquiátrica, como ansiedade, sintomas depressivos e desejo intenso pela substância, agravando os riscos associados ao uso não supervisionado (Milhomem *et al.*, 2021).

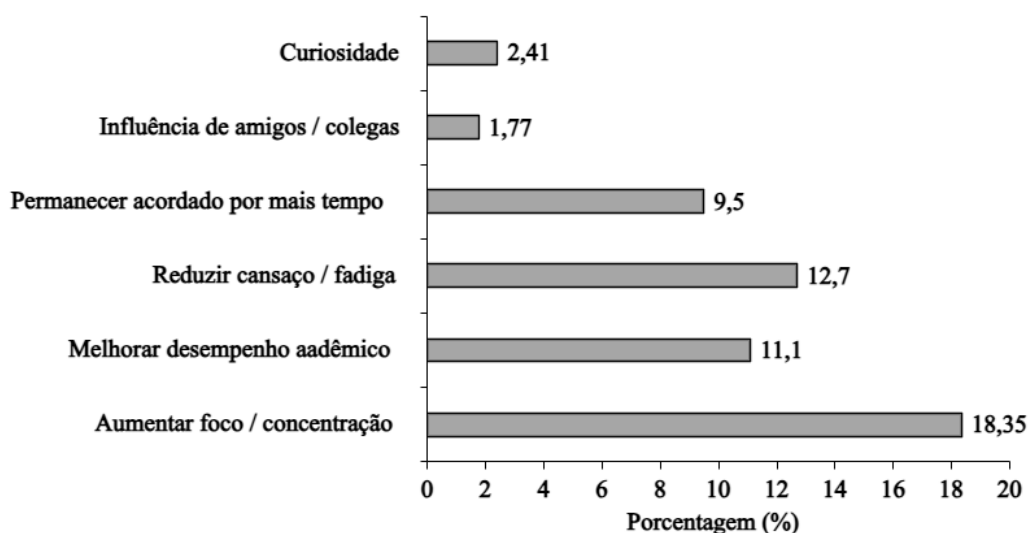
De forma geral, os achados indicam que o uso de psicoestimulantes deve ser compreendido como um fenômeno multifatorial, influenciado por fatores acadêmicos, emocionais e sociais, reforçando a necessidade de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental e ao uso racional de medicamentos (Smith & Farah, 2011).

**Motivações para o uso de psicoestimulantes e percepção de desempenho acadêmico entre**

## universitários

A análise dos motivos para o uso de psicoestimulantes (Figura 4) demonstrou que 44,1% dos participantes responderam que a questão não se aplicava ao seu contexto, indicando que esses indivíduos não fazem uso dessas substâncias. Entre os estudantes que relataram consumo, observou-se que os principais motivos estavam relacionados ao desempenho cognitivo e acadêmico, com predominância de aumento do foco e da concentração (18,35%), redução do cansaço ou fadiga (12,7%), melhora do desempenho acadêmico (11,1%) e permanecer acordado por mais tempo (9,5%), todos com análise estatística com diferença significativa, com  $p < 0,001$ . Motivações menos frequentes incluíram curiosidade com 2,41% e influência de amigos ou colegas com 1,77% de respostas (não diferente significativamente  $p > 0,05$ ).

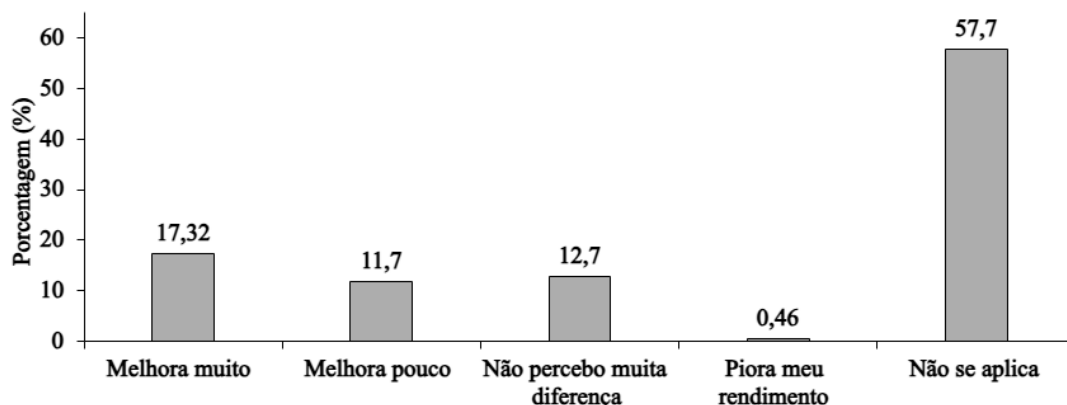
Figura 4: Distribuição dos motivos relatados para o uso de psicoestimulantes entre estudantes universitários.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

A análise da percepção dos participantes em relação ao desempenho acadêmico após o uso de psicoestimulantes evidenciou entre os estudantes que relataram consumo, observou-se que 17,32% perceberam melhora significativa no rendimento acadêmico, enquanto 11,7% relataram melhora discreta, totalizando aproximadamente 29% de participantes que identificaram algum benefício no desempenho. Por outro lado, 12,7% afirmaram não perceber diferença relevante, e apenas 0,46% relataram piora no desempenho acadêmico associada ao uso, sendo considerado estatisticamente significativo com  $p < 0,001$ .

Figura 5: Distribuição da percepção dos participantes em relação ao desempenho acadêmico após o uso de psicoestimulantes.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

Os resultados evidenciam que o uso de psicoestimulantes entre universitários está fortemente associado a motivações cognitivas e acadêmicas, com destaque para aumento do foco, redução da fadiga e melhora do desempenho. Esse padrão, aliado à significância estatística observada ( $p < 0,001$ ), indica que o consumo dessas substâncias não ocorre de forma aleatória, mas como uma estratégia direcionada para lidar com exigências acadêmicas. Esses achados convergem com a literatura, que aponta a busca por desempenho como principal fator motivador para o uso não prescrito de psicoestimulantes em estudantes, especialmente em contextos de elevada pressão acadêmica (Smith & Farah, 2011; Medeiros *et al.*, 2025).

No que se refere à percepção de desempenho acadêmico, embora parte dos estudantes relate melhora significativa ou discreta (29%), observa-se uma proporção relevante de indivíduos que não percebem diferença (12,7%) ou sequer utilizam essas substâncias, o que reforça a heterogeneidade das respostas. A significância estatística ( $p < 0,001$ ) confirma que essas percepções não são distribuídas de forma uniforme, sugerindo que os efeitos percebidos variam entre os indivíduos. Estudos indicam que, em pessoas saudáveis, os efeitos dos psicoestimulantes são inconsistentes e não garantem melhora sustentada do desempenho cognitivo, estando frequentemente associados a expectativas subjetivas de benefício (Rego *et al.*, 2023).

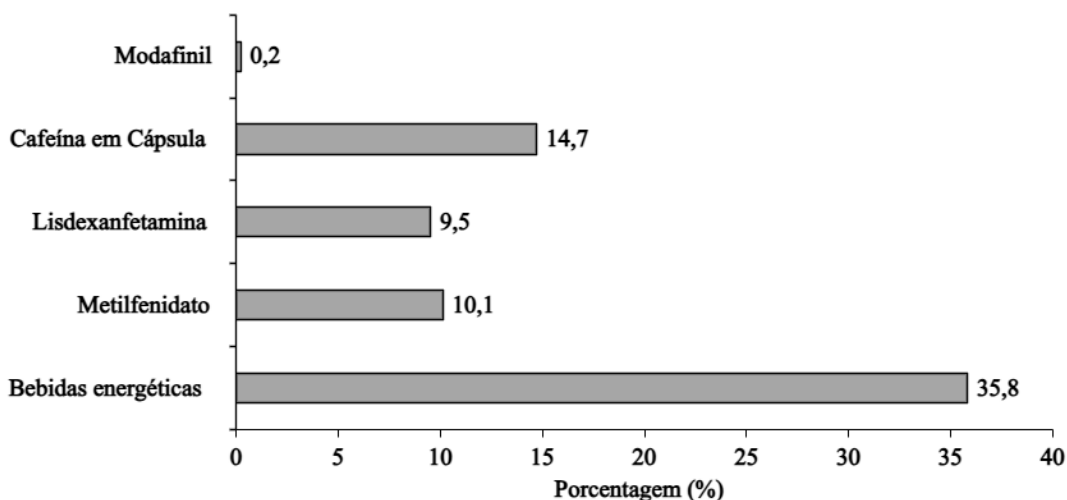
Além disso, a baixa frequência de motivações como curiosidade e influência social, sem significância estatística ( $p > 0,05$ ), sugere que o uso não está predominantemente relacionado a fatores recreativos, mas sim a demandas específicas do ambiente acadêmico. Esse comportamento reforça a normalização do uso dessas substâncias como ferramenta de desempenho, o que pode contribuir para sua banalização no meio universitário (Cândido *et al.*, 2021).

### Padrão de uso e formas de obtenção de psicoestimulantes entre universitários

Entre os psicoestimulantes utilizados pelos acadêmicos como demonstrado na figura 6, observou-se maior prevalência do consumo de bebidas energéticas e cafeína, provavelmente por serem substâncias de fácil acesso (respectivamente 35,8% e 14,7%), enquanto o uso de medicamentos controlados, como metilfenidato (10,1) e lisdexanfetamina (9,5), aparece em menor proporção. Esse padrão sugere uma tendência inicial ao uso de estimulantes socialmente aceitos, com possível progressão para fármacos de maior potência em função das demandas acadêmicas.

Figura 6: Distribuição dos principais psicoestimulantes utilizados pelos participantes da

pesquisa.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

Além disso, o fato de os participantes poderem selecionar mais de uma substância reforça a presença de um comportamento de uso combinado, no qual diferentes tipos de estimulantes são utilizados simultaneamente ou em momentos distintos, conforme a necessidade percebida. Esse perfil indica um consumo multifatorial, associado especialmente à busca por aumento de desempenho e produtividade. De modo geral, esses achados apontam para a normalização do uso de psicoestimulantes no contexto universitário, especialmente daqueles de fácil acesso, o que pode favorecer a adoção progressiva de substâncias com maior potencial de risco.

Quanto às formas de acesso às drogas, observou-se que a maioria dos participantes assinalou a opção “não se aplica”, correspondendo a 68,1% das respostas. Entre os que relataram utilizar medicamentos, a principal forma de obtenção foi a compra com terceiros, com 39 respostas (8,1%), seguida pela aquisição em farmácias sem prescrição médica, com 34 respostas (7%), e pelo compartilhamento entre colegas ou amigos, também com 34 respostas (7%). A compra via internet foi mencionada por 11 participantes (2,3%). As demais porcentagens correspondem a outras formas de obtenção relatadas, com menor frequência.

No contexto dos achados apresentados, destaca-se que, no Brasil, mais de 35% dos medicamentos consumidos são provenientes da automedicação, prática associada a cerca de 27% dos casos de intoxicação e a 16% das mortes no país. Esses dados reforçam a preocupação com o uso não supervisionado de substâncias, especialmente quando relacionados aos resultados deste estudo, que evidenciam a obtenção de psicoestimulantes por vias informais e sem prescrição médica, aumentando os riscos à saúde dos acadêmicos (SOUZA *et al.*, 2023).

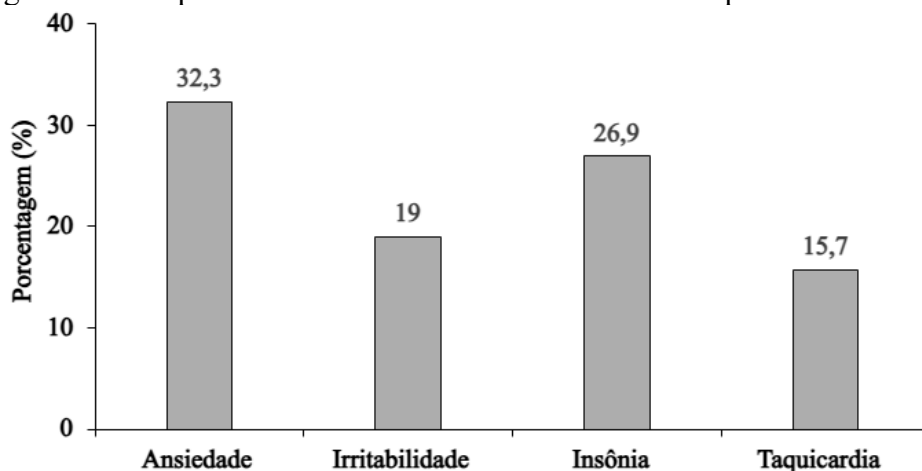
### Efeitos Adversos e Percepção de Risco

No que se refere aos efeitos adversos associados ao uso de psicoestimulantes, observou-se que os sintomas mais frequentes foram ansiedade (32,3%), insônia (26,9%), irritabilidade (19%) e taquicardia (15,7%), além de manifestações menos prevalentes, como náuseas, perda de apetite, tontura e agressividade. Apesar da ocorrência desses efeitos, a percepção de risco

entre os participantes mostrou-se reduzida, uma vez que apenas 9,3% relataram sentir medo ou preocupação, enquanto 16,1% referiram preocupação ocasional e 27,1% afirmaram não apresentar qualquer receio em relação ao uso dessas substâncias.

A análise estatística demonstrou que tanto a distribuição dos efeitos adversos quanto a percepção de risco apresentaram diferença estatisticamente significativa entre as categorias (teste do qui-quadrado;  $p < 0,001$ ), evidenciando que os sintomas não ocorrem de forma homogênea e que há predominância de respostas específicas em relação à preocupação com o uso.

Figura 7: Principais efeitos adversos associados ao uso de psicoestimulantes.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores, 2026.

Estudos apontam que o consumo não supervisionado de psicoestimulantes entre universitários está associado a diversos efeitos deletérios, principalmente relacionados ao sistema nervoso central e cardiovascular, como ansiedade, insônia, taquicardia e inapetência (Roberto, 2024). Mesmo diante desses sintomas, o uso tende a ser mantido, motivado pela busca por melhor desempenho acadêmico, o que reforça a banalização dessas substâncias no meio universitário.

Adicionalmente, não há evidências robustas de melhora real no desempenho acadêmico decorrente do uso de psicoestimulantes em indivíduos saudáveis. Em contrapartida, os riscos associados ao uso inadequado, como dependência psicológica, alterações do sono e prejuízos à saúde mental, encontram-se amplamente descritos na literatura (Cândido *et al.*, 2021). Nesse sentido, os achados deste estudo reforçam a necessidade de ações educativas institucionais voltadas à promoção do uso racional de medicamentos e à conscientização sobre os riscos envolvidos.

#### 4. Conclusões

O presente estudo permitiu analisar o consumo de psicoestimulantes sem prescrição médica entre universitários da área da saúde. Os achados demonstraram que grande parte dos participantes utiliza essas medicações de forma indiscriminada, ou seja, sem diagnóstico clínico que justifique seu uso, evidenciando um aumento significativo da automedicação com a finalidade de melhorar o desempenho acadêmico.

Embora parte dos estudantes tenha relatado melhora no rendimento acadêmico após o

consumo de psicoestimulantes, os resultados também evidenciaram importantes consequências associadas ao uso sem prescrição médica, como taquicardia, ansiedade, insônia e irritabilidade. Apesar da ocorrência desses efeitos adversos, observou-se baixa percepção dos riscos relacionados ao consumo dessas substâncias, o que reforça a crescente banalização e popularização do uso indiscriminado no meio universitário.

Através dos resultados do presente estudo, torna-se fundamental que as instituições de ensino superior desenvolvam estratégias de promoção da saúde mental, acolhimento psicossocial e educação em saúde voltadas ao uso racional de medicamentos, buscando reduzir a normalização da automedicação e fortalecer práticas de autocuidado entre os estudantes. Além disso, destaca-se a importância da ampliação de debates sobre saúde mental no ambiente universitário, bem como do fortalecimento das políticas de fiscalização relacionadas à dispensação de medicamentos psicoestimulantes.

Por fim, espera-se que os resultados deste estudo contribuam para ampliar a discussão acerca do uso indiscriminado de psicoestimulantes no meio acadêmico, incentivando novas pesquisas e intervenções que promovam uma formação universitária mais saudável, equilibrada e consciente.

## 5. Referências

BACELAR, Ana Beatriz. Ritalina: uma droga que ameaça a inteligência. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2023: resumo técnico**. Brasília: INEP, 2024.

CÂNDIDO, J. S. et al. Uso de psicoestimulantes por estudantes da área da saúde. **Educação em Saúde**, v. 9, n. 1, 2021.

DE ANDRADE, Jéssica Evelyn; MEIRELES, Adriana Lúcia; MACHADO, Elaine Leandro et al. Sociodemographic, economic, and academic factors linked with resilience in university students during COVID-19 pandemic: a Brazilian cross-sectional study. **BMC Psychology**, v. 12, n. 1, 2024.

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO, T. F.; ANDRADE, K. R. C.; ARAÚJO, P. C.; SILVA, M. T.; PEREIRA, M. G. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 26, n. 2, 2017.

FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, São José dos Campos, 2015.

GIANFELICE, Marcello Augusto; MURGO, Camélia Santana; SOUZA, Andressa Pereira de. Resiliência, bem-estar subjetivo e fatores de risco e proteção em estudantes universitários. **Psico-USF**, Itatiba, v. 29, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERISEANU, A. I. et al. Grazing is associated with ADHD symptoms, substance use, and impulsivity in a representative sample of a large metropolitan area in Brazil. **Nutrients**, Basel, v. 15, n. 15, p. 2987, 2023.

HIRSCH, Carolina Domingues et al. Fatores percebidos pelos acadêmicos de enfermagem como desencadeadores do estresse no ambiente formativo. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 27, n. 1, 2018.

JÚNIOR, Rudinei Carlos Mezacasa et al. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: resultados de um estudo de painel. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEDEIROS, Hermínio Oliveira; MATOS, Gabriel Gonçalves; BARGLINE, João Lucas Sangi. A automedicação de Ritalina® entre estudantes universitários: implicações éticas, psicológicas e acadêmicas. **Interference: A Journal of Audio Culture**, v. 11, n. 2, p. 7189–7201, 2025.

MIGUEL, P. M. et al. Neonatal hypoxia-ischemia induces attention-deficit hyperactivity disorder-like behavior in rats. **Behavioral Neuroscience**, v. 129, n. 3, p. 309–320, 2015.

MILHOMEM, T. A.; SILVA, D. C. C. da; REIS, R. H. S. O uso de substâncias psicoestimulantes entre acadêmicos: uma revisão integrativa. **Scire Salutis**, v. 12, n. 1, p. 62–73, 2021.

MINCOFF, Raquel Cristina Luis; DE ALMEIDA BARRETOS, Renan; JESUS, Matheus Vieira. Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina: uma revisão integrativa. **Revista Uningá**, v. 55, n. 4, p. 177–186, 2018.

MORGAN, H.; PETRY, A. F.; LICKS, P. A. K.; DUMITH, S. C. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 102-109, 2017.

MURAKAMI, Karolina et al. Estresse e enfrentamento das dificuldades em universitários da área da saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, p. e258748, 2024.

PASTURA, Giuseppe; MATTOS, Paulo. Efeitos colaterais do metilfenidato. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 100-104, 2004.

RAMOS, Joyce Lenny Viana et al. Uso de psicoestimulantes de venda livre por estudantes universitários da área da saúde. **Revista Científica FACS**, Governador Valadares, v. 23, n. 2, p. 80–93, 2023.

REGO, Rebeca de Araújo Matos; MENDES, Maria Eduarda Souza; DE CASTRO MACHADO, Yuri. O uso indiscriminado de psicoestimulantes para melhora do desempenho acadêmico por estudantes saudáveis. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, 2023.

ROBERTO, S. L. Uso abusivo de psicoestimulantes por estudantes da saúde, riscos e fatores associados: uma revisão da literatura. **Repositório Institucional do UNIFIP**, v. 5, n. 1, 2024.

SMITH, M. Elizabeth; FARAH, Martha J. Are prescription stimulants “smart pills”? The epidemiology and cognitive neuroscience of prescription stimulant use by normal healthy individuals. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 137, n. 5, p. 717–741, 2011.

SOUSA, Francisco Matheus Azevedo de et al. Uso de substâncias psicoativas e rendimento acadêmico de universitários da área de saúde. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, 2023.

VIEIRA, Thábata de Castro Rodrigues et al. Associação entre nível de estresse acadêmico e resiliência em estudantes da área de saúde. **REVISA**, v. 11, n. 3, p. 407–416, 2022.